

O PROGRESSO

Preço da assignatura

Anno (sem estampilha)	200
Semestre	100
Anno (com estampilha)	250
Semestre	125
África anno (pagamento adiantado)	2000
Braz. anno (pagamento adiantado)	2500
Numero avulso	40

Orgão do partido progressista

Publica-se aos domingos

Preço das publicações

Annuncios e com., por linha	40
Repetições	20
No corpo do jornal, linha	100
Annuncios commerciaes, pagos adiantadamente, publicam-se per contracto previo e os litterarios em troca d'um exemplar.	

Proprietario, ABILIO COUTINHO

Editor responsavel, José Ferreira.
Redacção, administração e typographia—Largo da Oliveira.

Novo partido ?

Dizem algumas gazetas, poucas, é certo, que os dissidentes de diversos partidos, tendo á sua frente, como chefe, o sr. conselheiro Julio de Vilhena, pensam na organização d'um novo partido, como se isto de organizar um partido politico fosse a coisa mais simples do mundo.

Organisar um novo partido! Mas como, e com que elementos?!

Decididamente ha loucura no caso. E não é pequena.

Porque este, ou aquelle, não é satisfeito, não é attendido na sua exigencia, muita vez banal, e até desmoralisadora para uma administração digna, d'ahi a furia d'uma vingancasinha:— Ah! não quereis pôr-me á meza orçamental, *papando* grossos ordenados? . . . Vou crear novo partido, que vos derrubará!

Simplesmente irrisorio!

Mas a *hydra* não é tão poderosa como ella se julga. E, senão, vejamos pela ordem dos factos, d'hontem ainda.

Os nacionalistas propunham-se derrubar os castellos que lhes assombravam os horisontes das suas mais arreigadas aspirações, e submissos, quaes escravos vendilhões, appellavam para El-Rei, rogando-lhe a misericórdia da governação para, á sombra d'ella, derruirmos a Monarchia em prol d'um rei despota.

Os franquistas, tambem por sua vez—porque o direito é igual—vendo que dia a dia, mais e mais se aniquilavam pelo descredito e pela deshonra, ousaram pôr em pratica as suas ideias—engrandecerem-se a si proprios para fazerem ver: ao paiz que tinham força, e a El-Rei que, com aquella força, aliás imaginaria, muito teria e esperar d'elles a nação.

Não obstante tanta malicia empregada, nem uns nem outros foram bem succedidos nas suas emprezas, porque . . . não tinham gente que os acompanhasse, graças ás mazellas que todos lhes descolhem.

Não serviu isto ainda de exemplo, infelizmente.

Alem dos nacionalistas e franquistas, facções moribundas, que tendem a desaparecer por completo, surge agora, de entre os bastidores d'uma politica ignorada, como que por encanto e para nos divertir com mais um triste espectáculo, como esses tantos outros que tanto nos teem divertido, o sr. Julio de Vilhena, que tambem quer um penacho!

Mas, perguntamos: com que elementos pode contar este novo aventureiro para levar a effeito semelhante ousadia?

Onde, ainda nos permittimos interrogar, é que o sr. conselheiro Julio de Vilhena pode encontrar quem o siga?

Subiu o panno, e a comedia já está em scena. Esperemos agora pelas gargalhadas dos espectadores.

EPIGRAMAS VIMARENENSES (INÉDITAS)

Fevereiro
Dia 8

1848—Toma posse da conesia prebendada n.º 8, vaga por obito do conego Rodrigo Antonio da Silva Villella, o beneficiado da Sé de Braga, José Maria da Silva Costa, (o Frigidaira, por ser de Braga), filho de Sebastião José da Silva Costa e de Helena Josepha Ribeiro. Era natural da freguezia de S. José e S. Lazaro, de Braga; foi apresentado n'esta dita conesia por carta regia de 4 de janeiro de 1848.

Dia 9

1718—Fallece no convento de S. Francisco, da villa de Guimarães, o virtuoso padre fr. Pedro de S. Paulo, natural da freguezia de Oliveira, distante legua e meia da mesma villa.

Foi exemplo de singular humildade. Occupou no referido convento o lugar de vigario do côro, pelo tempo de quarenta e cinco annos, sendo tal o fervor e desvelo na perfeição dos louvores Divinos, que queria que fossem muito pausados, e decorosa a composição dos que os tributam á Magestade Eterna.

Deste veneravel empenho lhe resultavam algumas vezes desgostos, porque, ou fôsse de proposito ou por descuido, lhe acceleravam o canto, motivando-lhe tal dissabor, que, com brandura e extraordinario zelo, reprehendia este mal, ponderando-o de absurdo.

As pessoas seculares o tinham em conta de Varão Santo, vivendo sempre com opiniao loavavel pelos miraculosos acontecimentos em abono da sua virtude, usando apenas, para com as pessoas enfermas da benção do Padre S. Francisco.

Dia 10

1643—Beato de Freitas da Silva, natural da Villa de Guimarães, filho de Paulo da Silva, infanção de Guimarães, toma posse da coadjutoria e futura successão do chantrado, cuja dignidade possuia o dr. Roque Ferreira Pereira.

Dia 11

1658—A camara delibera: «que porquanto um cano grande de uma das Carvalheiras do Salvador (Cano) estava meio cortado e não podia tornar a rebenlar e era infalivel que vindo alguma tormenta havia de cahir no chão donde o podiam furtar como fizeram a outros e porque os religiosos de S. Francisco e S. Domingos e os pobres da Misericórdia tinham muita necessidade de lenha por ser o inverno muito grande e o dito cano se tinha posto a pregão e não se dava por elle cousa equivalente; o procurador do concelho repartisse a dita lenha na forma supra.»

Dia 12

1747—O arcebispo de Braga, D. José de Bragança, vai á igreja do Mosteiro de S. Domingos resar missa e dar a communhão aos fieis, por ser o domingo (Gordo) da quinquagesima, dia em que na dita igreja principiava o jubileu das 40 horas.

Dia 13

1837—Recomeçam as obras da desastrada reforma da igreja da Collegiada, por impulso do grande constitucional, o conego Joao Baptista Sarmento, muito conhecido por «conego Baptista» que depois passou á dignidade de chantré, cujas obras em 1835 haviam sido suspensas por ordem do governador civil de Braga.

Dia 14

1871—E' installado o Monte Pio Commercial Vimaranesense.

NOVIDADES

Sessão camararia de 28 de janeiro

Presidente, o snr. dr. Meira; vereadores, os snrs. conego Vasconcellos, abbade Oliveira Guimarães, dr. Armindo e Salgado.

—Procedeu-se ás seguintes arrematações:

Da obra da mudança da linha da estrada real n.º 36, da margem esquerda do rio Vizella, para alinhamento de novos predios a construir na margem direita da mesma estrada. Foi arrematada por Joaquim Affonso da Silva, pela quantia de 700000 réis.

Da obra de reparação e melhoramento do edificio da escola primaria da freguezia de S. Martinho de Sande. Foi arrematada por Joaquim Mendes, pela quantia de 293000 réis.

—Foram lidos os seguintes officios:

—Do snr. Governador Civil do Districto, remettendo devidamente approvedo o orçamento ordinario da receita e despesa da camara para o corrente anno.

—Do mesmo, communicando a approvação da deliberação da camara, tomada em 24 de dezembro ultimo, acerca da criação da escola de ensino mixto com sede na freguezia de Fermentões.

Inteirado, e deliberou-se enviar copia da deliberação ao snr. Inspector Primario da 3.ª Circumscripção Escolar, para

os fins legais.

—Foram despachados os seguintes requerimentos:

—Manuel da Silva Marques, da freguezia de S. Jorge de Cima de Selho, reclamando para que não seja concedida a licença requerida por José Joaquim Salgado, para fazer uma ramada sobre caminho publico.

Que informe primeiramente a junta de parochia o que se lhe offerecer acerca da reclamação.

—Antonio d'Araujo Salgado, negociante, do campo do Tournal, pedindo licença para collocar uma taboleta na frente do seu estabelecimento.

Deferido.

—Deliberou-se encarregar o snr. Avelino Augusto da Silva Monteiro, primeiro tenente da armada, de representar a camara no primeiro congresso maritimo nacional, que deve realizar-se em Lisboa.

—Auctorisaram-se diversos pagamentos, no numero dos quaes 4000000 réis á Sociedade de Martins Sarmento.

Falta de trabalho

Ha bastantes mezes que se nota n'esta cidade uma sensivel falta de trabalho, vendo-se os nossos artistas nas mais precarias circumstancias e em lucta com muita miseria.

Se a falta de trabalho persistir, não tardará que a fome se alastre, ou o crime se desenvolva, porque a necessidade, lá diz o velho adagio, é inimiga da virtude.

A camara não poderá, desde já, proceder ás obras para a canalisação das aguas potaveis, para, assim, dar que fazer a alguns desgraçados?

Manobras militares

Segundo noticiam os jornaes da capital, no caso de, no presente anno, haver as costumadas manobras militares, o ponto estrategico escolhido para ellas será entre esta cidade e a de Braga.

Em nosso entender, é tóra de duvida que, conservando-se o actual governo até outubro, as manobras serão um facto, porque sua exc.ª, o ministro «Festas», não perde o ensejo de se mostrar aos povos, sempre que se lhe offereça a occasião para isso.

Oxalá, para gaudío nosso, que as manobras vão a effeito. Embora venha o «Festas».

Annuncios judiciaes

Por virtude de arrematação, foi adjudicada ao nosso jornal a publicação de todos os annuncios judiciaes, cujo pagamento tenha de ser adiantado pelo cofre do Juizo de Direito da comarca de Guimarães, durante o corrente anno.

Não damos esta noticia como vaidade, que é coisa que não existe em nós; mas sim a titulo de imitar o «In-dependente».

«Correio da Noite»

Este nosso estimado collega acaba de passar por grandes melhoramentos—augmentou de formato, obteve typo todo novo, melhorou consideravelmente as suas secções, creou outras do novo e para o corpo da Redacção entraram cavalheiros de altos merecimentos litterarios, muito conhecidos nas evoluções jornalisticas, o que o collocou a par dos melhores e mais bem formados jornaes de Lisboa.

Por tal motivo, as nossas felicitações ao valente e denodado defensor do partido progressista.

A's amas dos expostos

Nos dias 19, 20, e 21 do corrente, pelas 9 horas da manhã, effectua-se o pagamento, ás amas dos expostos, na casa do hospicio, sendo multadas as que faltarem sem motivo justificado.

«A Fidalguinha»

Como os nossos leitores terão occasião de ver, é uma engraçada comedia que hoje principiamos a publicar em folhetim. Vae «A Fidalguinha» incerta em local impropria—na quarta pagina—porque motivos de força maior, como sejam a disposição do jornal e a abundancia de materia que hoje temos, nos forçaram a tanto, do que pedimos desculpa.

Aos caçadores

Sabemos que vai ser determinado aos fiscaes dos impostos directos que vigiem rigorosamente se, os individuos que fazem uso d'armas, no tempo da caça, estão munidos das competentes licenças, devendo-lhes ser apprehendidas as armas e punidos, depois de responderem ao competente processo de policia correccional, com a respectiva multa.

Ahi fica, pois, o aviso.

Roubo

Ao primeiro sargento de infantaria n.º 20, sr. Castro, roubaram esta noite, da casa da sua habitação, á rua de Santa Cruz, diferentes peças de roupa no valor de 300000 réis. A policia trata de descobrir o auctor ou auctores do furto, tendo já na mão o fio que a ha de conduzir á verdade.

Tentativa d'assassinato e roubo

Estão n'esta cidade o chefe Velloso e mais dois guardas da policia judiciaria do Porto para, auxiliados pelo cabo da nossa policia, coadjuvarem a auctoridade administrativa na descoberta do auctor dos crimes de tentativa de assassinato e roubo, praticados na pessoa do sr. Casimiro Fernandes, abastado proprietario e capitalista, da freguezia de Guardizella.

Estes crimes, segundo nos informam, deram-se da seguinte forma: O sr. Casimiro Fernandes recolhia a casa na tarde de 23 de janeiro ultimo, na companhia de tres amigos. Chegados que foram a certa altura do trajecto, como morassem todos em pontos diversos, cada um seguiu seu caminho, sem preocupações de maior. Na occasião em que o sr. Casimiro, n'um pinhal ermo, saltava um portello, sahiu-lhe, de traz da parede, um individuo, que elle apenas conhece de vista, e, apontando-lhe uma pistola, desfechou contra elle, ferindo-o na testa. Em seguida, e como o sr. Casimiro, que é homem pulsante, se voltasse para o seu aggressor, este, munido d'um lódo, deu-lhe quantas pôde, a pontos de enfraquecer a sua victima, a quem depois roubou a carteira com 50000 réis, pondo-se em seguida em fuga.

As diligencias teem convergido nas freguezias de Guardizella e Moreira de Conegos, d'este concelho, e algumas outras do concelho de Santo Thyrsó, tendo-se já procedido a algumas capturas importantes, no numero das quaes a prisão d'um tal Manuel da Costa, da freguezia de S. Martinho do Campo, que já se acha detido na esquadra da policia civil d'esta cidade, e sobre quem recahem graves suspeitas, attendendo a esta

Nota comica:

O Manuel da Costa, segundo a descripção feita do typo do assaltante pelo sr. Casimiro Fernandes, é o supposto criminoso, e como tal foi capturado na passada sexta-feira, em sua casa. Quando chegaram a estação de Lordello—o preso e policiaes—Manuel da Costa meditou sobre o destino

que ia ter e, em quanto não chegava o comboio, olhou de revez para a sua guarda d'honra. A locomotiva, que já se aproximava, silvou no espaço e ao mesmo tempo entrava nas agulhas.

—Boa occasião! disse consigo o Manuel da Costa, e... pernas, para que vos quero!... Fugiu apressadamente pela frente do comboio, tomou o caminho da margem do rio Vizella, que alli passa proximo, e... *catrapuz!* um hygienico banho matinal.

Infelizmente, para o fugitivo, os guardas entenderam que a agua estaria quasi gelada, e mesmo para lhe evitar qualquer ataque d'influenza, pescaram-no do rio e vieram, a pé, agasalhar-o na esquadra da policia, onde se encontra deitado sobre as taboas d'uma ampla tarimba, á espera que, mais hoje ou mais amanhã, lhe apresentem, de cara, a sua victima.

Armamento policial

Para os guardas civis d'esta cidade, cujo numero, ao que parece, será augmentado com mais 6 homens no proximo mez de março, vão ser adquiridas as carabinas Snider, para o que já se fez a respectiva requisição ao Ministerio da Guerra.

Licenças sanitarias

Até hontem haviam sido conferidas, pela administração do concelho, 637 licenças sanitarias, para a venda de generos alimenticios.

Crime antigo

A policia está tratando de descobrir um crime de furto, na importancia total de réis 653000, em dinheiro, praticado ha dez annos, de que foram victimas uns negociantes de gado, do visinho concelho de Fafe. Pelas averiguações a que se procedeu, parece que o verdadeiro auctor é um individuo que já está preso na esquadra.

Condennação

Em processo de policia correccional, a que respondeu ha dias no tribunal judicial d'esta comarca, foi condemnado na pena de 10 dias de cadeia, e 10 de multa, á razão de 100 réis por dia, Antonio Teixeira, solteiro, maior, creado do Hotel da Penha, pelo crime de, em tempo defezo, esperar, com arma caçadeira, os coelhos no paredão do Pio IX.

Oxalá que esta condemnação sirva de exemplo aos gosos.

Crime sacrilego

Deve ainda estar bem patente na memoria dos nossos leitores o revoltante desacato que meia duzia de malandrins praticaram ha tres mezes, pouco mais ou menos, na igreja de S. Paio, na occasião em que, ás 5 horas da manhã, se celebrava a missa das Almas, cuja noticia então desenvolvemos circunstanciadamente.

Pois, como auctores d'essa maroteira, foram julgados em processo especial de queixa,

no tribunal judicial d'esta comarca, no dia 4 do corrente, um tal José Ferreira, o *Violeiro*, e Sebastião Pinto, o *Ferrador*, sendo o primeiro condemnado na pena de 15 mezes de prisão, e mais 6 de multa, esta á razão de 200 réis por dia; e o segundo em 12 mezes de prisão e 3 de multa, esta tambem á razão de 200 réis por dia, e ainda ambos nas custas e sellos do processo.

Como era de esperar, esta sentença foi geralmente bem recebida.

Parece que, no decorrer dos depoimentos das testemunhas, na occasião do julgamento, se averiguou a identidade dos 5 restantes malandrins, que tambem entraram no grande desacato, e que não foram pronunciados por, na instauração do processo, não serem postos a descoberto.

Ora, para que elles não se riam agora dos seus companheiros, que acabam de ser condemnados, e mesmo porque a responsabilidade do crime é solidaria, com a devida venia ousamos pedir ao dignissimo juiz de direito que não os deixe em paz.

Uma certidãozinha extrahida da acta de julgamento para ir com vista ao nobre Agente do Ministerio Publico satisfará por completo todas as pessoas que tanto se indignaram contra essa patifaria.

O partido franquista a desaparecer

Bem tinhamos razão quando dissemos no nosso artigo editorial d'hoje, que o partido franquista estava moribundo e tendia a desaparecer. Depois das nossas primeiras paginas estarem impressas veio-nos á mão mais um elemento que mais prova o que dissemos. E' o correspondente de Lisboa para «A Palavra» d'hontem que, com toda a imparcialidade, se encarregou de descobrir as miserias do partido franquista, que pelo visto hoje se limita unica e exclusivamente á pessoa do sr. João Franco e... á maioria da nossa vereação municipal.

Ora vejam:

«Derivando agora para outros casos politicos, podemos afirmar que o *Liberal*, jornal dirigido com muita distincção e vehemencia pelo sr. dr. Carneiro de Moura, rompeu todas as ligações com o sr. João Franco e o mesmo fez o sr. Dantas Baracho. Estes elementos parecem com tendencias para se approximarem dos progressistas.

O *Liberal* de hoje mostra-se pesaroso, n'um pequeno *suelto*, de ter seguido a politica do sr. João Franco. E o *Diario Illustrado*, que permanece ainda fiel a este ultimo estadista, faz os seus remoques ao sr. Dantas Baracho. Vae ser interessante a discussão que porventura venha a travar-se entre os dois jornaes até ha pouco tão unidos.

O franquismo entrou na phase da dissolução e o proprio sr. conselheiro João Franco o reconhece. No meio do seu grupo havia apenas um homem em que se depositava uma geral confiança: era o sr. Mello e Souza, distincto parlamentar e notavel financeiro.

Um futuro ministerio franquista viveria principalmente, na consideração publica, á sombra do nome d'este honrado politico e, se havia interesse pelo exito franquista, era manifestamente por causa do plano financeiro do sr. Mello e Souza. Ora segundo particularmente nos consta, o sr. Mello e Souza está muito descontente com o sr. João Franco, que namora o poder, mas não tem feito nada de util para o conquistar.

D'estas desavenças caseiras é provavel que resulte uma dissolução mais rapida do que aquella a que estamos assistindo.

G. S.»

Que triste figura estão fazendo os taes frnquistas de «antes quebrar do que torcer»!

Parece mesmo troça!

Desatre e morte

Hontem, por volta das 7 horas da tarde, quando um carreteiro se dirigia d'esta cidade para o Porto, conduzindo seis caixões com ovos, ao chegar ao logar dos Remedios, na Vacca-Negra, encontrou-se com o sr. Antonio d'Araujo, proprietario, do logar de Entre-as-Vinhas, freguezia de S. Pedro d'Azurem, d'esta comarca, que vinha a cavallo, e, n'um dado momento, o cavallo, espantando-se, foi de encontro aos bois que tiravam o carro, os quaes, por sua vez, se espantaram tambem, largando á desfilada. Na fuga os bois derubaram o menor que os guiava, Francisco Coutinho, de 17 annos de idade, com tanta fatalidade que as rodas do carro lhe passaram por cima, junto ás virilhas, matando-o quasi instantaneamente.

O cadaver do infeliz rapaz foi conduzido em maca ao hospital da Misericordia, acompanhado por um policia, onde entrou ás 2 horas da madrugada, e o carreteiro, bem como o sr. Antonio d'Araujo, estão detidos na esquadra, até que se prove cabalmente que nenhuma culpa teem n'esta lamentavel desgraça.

Indeencia

Lembramos á vereação municipal a necessidade de fornecer aos seus zeladores um novo fardamento. Os que para ahi vemos mais parecem uns pobres andrajosos do que policiaes municipaes, tal é a miseria dos fatos.

Rusga ás peixeiras

D'ha muito que n'esta cidade não se podia comer o peixe, não porque elle não viesse ao nosso mercado, mas porque as peixeiras, alem d'elle ser vendido por um preço elevadissimo, roubavam descaradamente no seu peso. Ha dias, um nosso estimado assignante, (isto foi presencado por nós) mandou comprar, pela creada, um kilo de pescada, e querem saber o peso que lhe deram? Nada mais e nada menos de 680 grammas!

Perante estes roubos, o sr. administrador do concelho, auxiliado pela policia

civil, deu hontem uma «rusga» ás peixeiras, postando um policia á porta de cada uma, e creada que comprasse peixe, ia immediatamente ao repeso.

Foi como quem deitou agua no lume: uma multa apenas, applicada a um tal Manuel Bastos, foi o bastante para tudo entrar na ordem e na honra.

Claro que muitas familias congratularam-se com estas excellentes medidas de repressão, pois o peixe entrou-lhes em casa com peso antes de mais do que de menos.

Os «pessimistas» que diziam que a policia para nada servia, vão agora reconhecendo que se enganaram.

Os nossos votos são para que o sr. administrador do concelho não desanime n'estas e n'outras «rusgas» identicas, com o que só teem a lucrar as nossas magras bolsas.

Salões e Viagens

Da Povoá de Varzim, onde passou alguns dias, regressou a esta cidade o nosso estimado assignante, sr. José Maria do Souto, proprietario do Hotel da Avenida.

Tem experimentado algumas melhoras, embora muito diminutas, o nosso dedicado correligionario, sr. Elias da Silva Machado.

Deus o restabeleça de todo, e com a maior brevidade.

Tem estado bastante incomodado de saude, tendo, por tal motivo, de retirar para a aldeia, o sr. Augusto Fernandes, estimado aspirante da estação telegrapho-postal d'esta cidade.

Do coração estimamos as melhoras d'este nosso sympathico e querido amigo.

Tem estado entre nós o nosso patricio, sr. dr. João Ferreira da Silva Guimarães, digno juiz de direito na Ilha Graciosa.

Tambem esteve ha dias n'esta cidade, o sr. dr. Pinheiro Torres, director da casa de correccão de Villa do Conde.

COMMUNICADOS

... Snr. Redactor:

Para o diario portuense *Journal de Noticias* mandei no mez passado um artigo, que sahiu em o numero de hoje, mas bastante defeituoso e *grelhado*.

Tenho empenho de o ver no seu jornal de amanhã, mais correcto, porem, e sem augmento. Isso venho rogar-lhe.

De V... etc.
Guimarães, 7-2-1903.
Conego José Maria Gomes.

Ao ill.^{mo} ex.^{mo} sr. Director Geral d'Instrucção Publica

A v. ex.^a me queixo de que o sr. reitor do Lyceu de Guimarães, onde sou professor, entre outras varias desconsiderações e más vontades, me fez

recentemente as seguintes, a que não posso resignar-me:

Officiou á ex.^{ma} camara de Guimarães (para o effeito de esta organisar as folhas de pagamento)

«que nos dias decorridos até 20 de novembro apenas o sr. professor José Maria Gomes faltou a duas aulas no dia 21 de outubro, em que tinha trez, ao conselho da 3.^a classe nos dias 4, 5 e 16 de novembro e ao conselho escolar no dia 6 de novembro, tendo em cada um d'estes dias 3 aulas.»

E' falso, ex.^{mo} sr. director geral, que nos citados dias 4, 5 e 16 de novembro houvesse conselhos de 3.^a classe, como se pode verificar pelo respectivo livro das actas; nem a 19 podia havel-o por ser um domingo.

E' falso tambem que no dia 5 de novembro eu tivesse a meu cargo só tres aulas, tinha nada menos de cinco!

Mais me queixo de que, tendo eu reclamado e o conselho escolar votado accumulção de serviço, dentro do meu grupo, na 3.^a classe, (o que me traria um augmento gratificado de 4 lições semanaes) o sr. reitor me distribuiu (sem nenhuma necessidade nem vantagem) a aula de francez (3.^a classe) que, alem de não ser do meu grupo, só me deu o augmento de duas lições por semana. Defraudou-me assim em duas lições semanaes gratificadas, ou sejam no fim do anno lectivo, 72000 réis!

Eu tenho querido, ex.^{mo} sr. director geral, apresentar estes agravos em sessão ordinaria do conselho escolar, mas não me tem sido possível, como vae ver-se.

A 1.^a sessão ordinaria foi no 1.^o de outubro de 1902. Estes casos são posteriores.

A 2.^a sessão ordinaria veio em 6 de novembro. Não pude comparecer e tal succederá frequentes vezes, enquanto as sessões ordinarias (que a lei fixou para o primeiro dia util de cada mez) forem, como faz o ex.^{mo} Reitor, no dia e hora que elle mande indicar aos professores. Mas a mim já succedeu não ter, por quaesquer conveniencias, convite para uma famosa congregação (a 6 de outubro de 1900)

A 3.^a sessão ordinaria apanhou-se em 10 de dezembro de 1902. Lá estive, mas nada pude fazer, porque o ex.^{mo} Reitor, após um incidente (o das sessões fóra dos seus dias legais) que eu suscitei, levantouse, brusca e inopinadamente, poz o seu barrete e... fomonos embora.

A 4.^a sessão ordinaria cahiu do Ceo em 13 de janeiro. (Como se vê, o dia das sessões ordinarias oscilla ao nuto reitoral, em progressão de razão inconsistente).

Agitada um pouco e demorada esta sessão, vi levantar-se o ex.^{mo} Reitor e descer da sua cadeira. Perguntei-lhe se já estava encerrada a sessão, depois de ter affirmado que levava no bolso uma exposição para lér. Respondeu-me que sim.

Ora como eu pretendo queixar-me, ex.^{mo} sr., e não o tenho podido fazer em Conselho, e como os professores não gosam (que eu saiba) direito de correspondencia official com v. ex.^a, recorro a esta tribuna do jornal, que se corresponde com toda a gente e é o desafogo dos perseguidos, d'aquelles a quem, na piedosa phrase do sr. Reitor do Lyceu de Guimarães, se deve dar com o chumbo todo.

Guimarães, 23 de janeiro

Conego José M. Gomes

...Sr. Redactor d'O Progresso.

Tendo na mesma data enviado ao *Independente* o communicado contido nos linguados que juntamente envio, mas... para que o publico bem conheça da veracidade do facto, peço a V... a publicidade do mesmo no seu acreditado jornal, pele que me confesso

De V... etc.
Santa Maria de Souto,
4 de fevereiro de 1903.

Padre Antonio Maria da Silva Coelho

Ex.^{mo} Sr. Redactor.

No *Independente* que V. Ev.^a tão habilmente dirige, appareceu, em o n.^o 62, uma local que me diz respeito.

Ahi se afirma «ter sido enviada ao seu destino uma queixa contra mim por, entre outros abusos de funcções religiosas, me ter recusado durante muitos dias, sem motivo legitimo, a ministrar os sacramentos da confissão e communhão a uma entrevada, minha parochiana, e só ter-lhos administrado momentos antes d'ella expirar, e quando já mal podia receber a Particula Sagrada.»

Deixando de parte os taes outros abusos de funcções religiosas, a que allude a devotissima local do *Independente* e dos quaes me defenderei quando me forem conhecidos, direi, quanto ao caso dos sacramentos á entrevada, que essa accusação nada vale, postas as coisas no seu verdadeiro pé.

O que valerá alguma coisa é o intuito com que ella se me faz e o espirito com que o jornal a propagou.

Se a pobre entrevada fallecesse sem sacramentos por minha culpa, então grande remorso me atormentava a consciencia e motivo haveria para subir queixa ao meu superior hierarchico.

Não se tendo dado tal hypothese, como parece estar no proprio texto da queixa que orientou o localista, vê-se que houve trop de zéle em accusar-me e que os queixosos estimariam bem, (caridosas almas!) que a doente tivesse fallecido sem sacramentos, só para saboriarem o prazer d'uma queixa que valesse qualquer coisa.

Permitta, V. Exc.^a, Sr. Redactor, que eu historicie como os factos se passaram, para que quantos leram o criterioso jornal de V. Exc.^a e se espantaram com a local tenham occasião de recompor o seu juizo e restituirem-me creditos, que por ventura ficassem abalados.

Em primeiro lugar, se a queixa diz que eu fui chamado para sacramentar a doente no dia 25 de dezembro, falta á verdade, porque eu fui chamado no dia 26.

Não se exige em terras sertanejas grande litteratura, mas um «Borda d'Agua» está ao alcance de todas as bolsas e lareiras.

Fui chamado, pois no dia 26 de dezembro, no fim da missa, quando me dirigia a casa com pressa de sahir para um sermão que tinha de fazer n'esse dia.

Como se tratava d'uma doente entrevada, sem gravidade immediata, e que eu bem conhecia, a qual tinha por estylo sacramentar-se a cada passo (provavelmente por que, de todas as vezes, sempre eu e outras boas almas lhe deixavam alguma esmola).

Não dei grande importancia ao convite e fui tractar da minha vida.

Na volta, informado por pessoas fidedignas, que a tinham

visto, de que não era grave o estado da habitual doente, esperei novo aviso.

Chegou-me no dia 11 de janeiro. Dei 500 réis de esmola para a doente, conjecturando bem que era isso o que ella mais appetecia, e, no mesmo dia, dirigime á sua casa. Confessei-a. Recommendei que lhe comprassem uma franga e leite para lhe darem, em vez d'umas sopas de agua-pé que lhe vi, n'uma malga, á cabeceira.

E porque não me pareceu que houvesse urgencia do Sagrado Viatico n'aquelle mesmo dia 11, adiei-o para o dia 12 de manhã, no intento até de aproveitar para o acompanhamento o povo da novena, que se andava fazendo a S. Sebastião.

De facto, na segunda-feira, (12 de janeiro), fiz a novena, e, depois de celebrar missa, levei o Viatico á enferma.

Notei que, ao depôr-lhe na lingua a Sagrada Particula, ella a conservou quieta, caso aliás frequente em muitos feis.

Mandei-a fazer movimentos com a lingua, o que ella fêz, e certifiquei-me de que tinha ingirido bem a Sagrada formula, como antes ingirira, sem difficuldade, uma pouca de agua que eu proprio lhe ministrei.

Seriam 7 horas da manhã quando findou o religioso acto.

Marchei logo para Guimarães onde me chamavam deveres parochiaes sobre o recenseamento militar e soube, ao chegar a casa, que a pobre entrevada fallecera ás 8 horas da noite d'esse mesmo dia.

Eis aqui, Sr. Redactor, com toda a lisura e sinceridade, o relato dos factos, que muitas testemunhas podem confirmar.

Vê-se bem, portanto, que não administrei os sacramentos á entrevada, poucos momentos antes d'ella expirar e quando já mal podia receber a Particula Sagrada, como, segundo a local do *Independente*, resa a queixa dada contra mim.

A queixa, Sr. Redactor, tem uma historia que me reservo para fazer n'outra parte por não ter o direito de roubar mais espaço ao seu jornal. E então ha de ver, com gaudio das gentes, que se eu fóra franquista e não tivesse chamado á responsabilidade dos tribunaes, por insultos, uma creatura muito d'elles, nenhum cotholico se lembraria de affirmar que das 7 da manhã ás 8 da noite vão apenas poucos momentos, nem se importariam que a entrevada engolissem ou deixassem de engolir.

Engolidos e até bem comidos pela terra abaixo queriam-se uns certos maganões que de tudo fazem politica, e de tudo se valem para desprestigiar os seus adversarios. Orgulho-me, Sr. Redactor, de ser esmerado e prompto no desempenho dos meus deveres parochiaes.

Que o digam, não só os moradores d'esta freguezia, mas os de quatro outras, que já servi, e algumas bem populosas!

Não são as assignaturas da queixa apanhada, como está averiguado, sem indicação do fim para que eram, e algumas de figurões, que escreviam pela primeira vez o seu nome, não são essas assignaturas, repito, que não-de ennodar-me. Veremos tudo isso.

Santa Maria de Souto, 4 de fevereiro de 1903.

O Parocho—Antonio Maria da Silva Coelho.

ANNUNCIOS

Leilão de moveis

No dia 15 do corrente, ás 10 horas e meia da manhã, no logar da Boucinha, freguezia de S. Lourenço de Sande, tem de se proceder á venda, em leilão, de diferentes bens mobiliarios.

Arrematação

(1.^a publicação)

No dia 1.^o de março proximo, ao meio dia e no Tribunal Judicial d'esta comarca, situado na rua das Lamellas, d'esta cidade, por virtude da execução hypothecaria em que é exequente Josefa Rosa, viuva, proprietaria, moradora nos suburbios d'esta cidade, e executados Gaspar Teixeira de Souza Mascarenhas e filhos Gaspar Ribeiro de Souza Mascarenhas e Manuel Ribeiro de Souza Mascarenhas, d'esta mesma cidade, se tem de arrematar em hasta publica pelo maior lanço que fór offerecido acima da sua avaliação, os seguintes bens de raiz penhorados e avaliados na dita execução, a saber: Campo da Lorangeira, situado na freguezia de Guardizella, d'esta comarca, que se compõe de terra de cultura com arvores de vinho e de terra de matto com carvalhos e pinheiros, circuitado por parede e vallado, com agua de rega e lima, tendo dentro em si uma pequena presa, de natureza allodial, avaliada na quantia de 7360760 réis; e os campos denominados dos Varandins, juntos e unidos, que se compõem de terra lavradia com arvores de vinho e que faziam parte do casal de Peireiras, situados na mencionada freguezia de Guardizella, tendo agua de lima e rega, igualmente de natureza allodial e avaliados na quantia de 9390900 réis.

Para constar se passou o presente e por elle são citados quaesquer credores incertos para assistirem ao acto da praça, na conformidade do art.^o 844.^o do Codigo de Processo Civil.

Verifiquei,

O Juiz de Direito,

Silva Leal

O escrivão do 1.^o officio,

Manuel Dias d'Oliveira

Boa loja

Aluga-se a loja da rua da Rainha, n.^{os} 78 a 82, com grandes fundos, propria para grande negocio. Para tratar com Agostinho das Neves Guimarães.

Vinhos da importante e acreditada casa FERREIRINHA, da Regoa.

Estes deliciosos vinhos encontram-se á venda no estabelecimento de modas, de Antonio d'Araujo Salgado, ao campo do Toural, d'esta cidade.

Ha VINHOS dos annos de 1815 a 1898, para o custo de 400 réis a 20000 réis a garrafa.

Especialidade em chá verde e preto.

FOLHETIM

A FIDALGUINHA

COMEDIA EM UM ACTO (*)

FIGURAS:

Gastão, fidalgo de provincia.
Benedicta, sua filha.
Bento, seminarista, sobrinho de Gastão.
Innocencio, estudante de theologia.
Bernardo, musico militar.
Jerónimo, antigo creado de Gastão.
Lucas, creado de estalagem.
Uma creada.
Um engraxador de calçado.
O estalajadeiro, que não apparece.

A scena passa-se em Braga, na rua de S. João do Souto, em uma estalagem-pastelaria.—Quatro portas, lateraes, e uma ao fundo. No angulo da sala, entre a segunda porta da direita e a do fundo, uma mesa com toalha, um prato com alguns ladrilhos de marmelada, um paliteiro e alguns guardanapos.—As indicações D e E entendem-se do lado do expectador.

SCENA I

Gastão e Jerónimo

Gastão, com uma carta na mão.—Olha que ha dois e são ambos no mesmo campo. E' no de baixo, ouviste?

Jerónimo—Oíço, oíço, fidalgo.

Gastão—Ha de falar-te um porteiro, perguntas pelo sr. reitor e entregas-lhe esta carta.

Jerónimo—Ao porteiro ou ao sr. reitor?

Gastão—Não, homem! A carta é para o sr. reitor, mas o porteiro é que lh'a ha de entregar, entendes?

Jerónimo—Entendo, sim, senhor. E tem resposta?

Gastão—Não esperes por ella. Retira-te logo; e será bom que os collegias te não vejam, para que o não vão dizer ao sr. Bentina, se desconfiarem que és creado de algum seu parente. Bem vês que, pela libré... E que não vá elle tambem ver-te da janella! Cose-te bem com as paredes do seminario, quando chegares ao campo.

Jerónimo—E que tinha então que elle me visse e viesse cá abaixo para eu lhe dar um abraço?

Gastão—Não quero. Não deve saber que estamos cá. E' uma surpresa que lhe queremos fazer; mas aqui mesmo. Entendes agora?

Jerónimo—Entendo, entendo. Mas então é no de baixo?

SCENA II

Os mesmos e Benedicta

Benedicta, sahindo da porta D, seguida da creada da hospedaria.—Prompta, meu pae!

Gastão—E eu tambem o estou. E' só pôr o chapéu... Estava dando a carta ao Jerónimo. Para este—Sim, é no de baixo, no de S. Caetano. Para Benedicta—Eu venho. Sae pela D, segunda porta.

Jerónimo, querendo seguir-o—Mas...

SCENA III

Os mesmos, menos Gastão

Benedicta, para Jerónimo—Mas que? Anda, move-te! Vae onde te mandam. Mas entrega só a carta, ouviste?

Jerónimo—Oíço, oíço, minha senhora.

Benedicta—O meu querido primo! O que elle não ficará de contente, assim que nos vir! E' então a mim, a quem elle consagra tanto amor? Pois tambem eu não lhe tenho menos.

Gastão, dentro—O' Lucas! Lucas?

Jerónimo—Eu chamo-lh'o, fidalgo, eu chamo... Corre ao fundo, a chamar Lucas.

Benedicta, consigo—O peor é que não vá este Lucas dizer o que se passou... O primo é muito desconfiado, pode... Se elle vem e sabe que o outro...

SCENA IV

Os mesmos e Gastão

Gastão, para Jerónimo—Então ainda aqui estás?

(*) Representada ha trinta annos n'um theatro da provincia, e para elle expressamente escripta.

Jerónimo—Estava a chamar pelo Lucas. Vossa excellencia quer-lhe entregar a chave do quarto, não quer? Faça favor de m'a dar, que eu lh'a entrego.

Gastão, dando-lhe a chave.—Depois olha se te moves, se vae onde te mandei, ouviste?

Jerónimo—Oíço, sim, senhor, oíço, e vou já n'um salto. Até posso ir com vossas excellencias... E, se lá passarmos, dizem-me onde é...

Benedicta—Não vens, não; não queremos que venhas.

Gastão—Não é preciso.

Jerónimo, consigo—A'gora querem elles!

Gastão—O Lucas que te ensine. Ou então pergunta a alguém lá fóra, porque nós não passamos lá.

Benedicta—Nem devemos, meu pae! Podia o primo ver-nos da janella, e então lá ia a surpresa que lhe queremos fazer aqui mesmo.

Gastão—Tens razão, Benedicta. Vamos pois a Sé. Para Jerónimo—Na volta do recado, recolhe-te ao teu quarto e recommenda ao creado que, se aqui vier alguém procurar um fidalgo de Basto, lhe diga que tenha a bondade de esperar, porque eu não me demoro. Vamos, Benedicta. Sae, pelo fundo, com Benedicta, dizendo—Da a chave á creada, ou ao Jerónimo, para lh'a entregar.

Jerónimo—Vá vossa excellencia descaçado, que eu cá lh'a entrego. Depois é só ir pôr o chapéu...

SCENA V

Jerónimo, só.

Jerónimo—Mas este Lucas não apparece...! Chamando-o O' Lucas! Lucas? Pega no seu grande chapéu de sola envernada, de tempo largo, que tem em cima de uma cadeira, e cobre-se.

SCENA VI

Jerónimo e Lucas.

Lucas—Prompto, sê Jerónimo! Que falta? Ah! sim... os fidalgos sahiram, quer que lhe guarde a chave... Dê cá. E você não foi com elles?

Jerónimo—Elles querem-me lá atrás?! Eu vou mas é entregar esta carta... E' verdade; tu é que me podes dizer... A gente para ir d'aqui ao seminario...

Lucas—Ao seminario?

Jerónimo—Sim, ao de S. Caetano. Que elle dizem-me que são dois... Mas não é ao de riba, é ao de baixo que eu quero levar esta carta.

Lucas—Eu mando lá! é melhor. A' parte—Mais um pataco na conta, por uma carta! Alto—Dê cá, dê cá...

Jerónimo—Mas é que isto é de importancia...!

Lucas—Então o homem que engraxa o calçado não é fiel? Ora essa! Dê cá, dê cá... Eu respondo! Ha de ir você?!

Jerónimo—Eu não sei bem o caminho, não; mas antes me quero demorar a perguntar do que a carta levar sumisso.

Lucas—Quaes leva! Ora essa! Mas, se você quer ir... vá. Olhe, a gente vae a qui por de traz da Sé, pela Senhora do Leite, chega á Galaria, desce depois á esquerda, pela Rua Nova, toma á direita, mette-se na Rua dos Gatos, está no Campo dos Touros...

Jerónimo—E correm-me como um gato ou como um toiro, como já hontem me fizeram p'ra amor d'isto. Indica a libré e as grandes botas que traz calçadas.

Lucas, rindo.—A'gora, sê Jerónimo?! Enfia-se depois pela rua de Santo Antonio, está no Campo da Vinha...

Jerónimo—A estrada já vae sendo compridota e um pouco torta.

Lucas—Está no Campo da Vinha...

Jerónimo—Não estou, não; por ora estou aqui, e acho que sempre tomo o teu conselho. Mandas lá o engraxador...

Lucas—Pois não é melhor, sê Jerónimo?

Jerónimo—E', é. A' parte.—E mesmo porque... agora me lembra, pôde o sê Bentina ver-me lá da janella... Para Lucas.—Toma, toma... O engraxador que a leve, que vá depressa, e... que não espere pela resposta. Da lhe a carta.

Lucas, pegando-lhe na carta.—Dê cá, dê cá... A parte.—Pataco certo na conta! Sae.

SCENA VII

Jerónimo, só.

Jerónimo—A'gora me quizeram elles outra vez a traz! Não que a arruaça não foi pequena! Pois só é que os taes senhores estudantes me não tornam a apanhar! Sempre não é mau haver engraxadores nas estalagens... para levarem cartas, que, senão, tinha eu de andar feito correio e de apanhar por ahí mais alguma marrênda como a que ainda hontem me deram. Não sei como me não afogaram! Tira o chapéu e vae pôr-o outra vez na cadeira em que o tivera.—Deixa-me tirá-lo, antes que por ahí venha algum endiabrado e m'o faça escorregar outra vez pela cabeça abaixo. Os taes estudantinhos aqui são como as formigas, e... que não venham elles pelo cheiro... Como aqui ha marmelada. Olha para o prato em que ella está.

SCENA VIII

Jerónimo e Lucas

Lucas—E' boa d'uma vez, sê Jerónimo! Quer dois ladrilhos. Olhe que é fina!

Jerónimo—Será; mas eu cá não gosto do fino, senão quando os amos mandam.

Lucas—Deixe-se de cerimonia; elles pagam tudo.

Jerónimo—Bem sei, bem sei; mas eu não gasto sem ordem.

Lucas—Homem, você parece que vem das serras! Creado de fidalgo, á mesa de estalagem, manda sempre mais que os amos.

Jerónimo—Sei, sei! E até mesmo nas casas dos amos, que são ás vezes umas estalagens como quaesquer outras; só com a differença de comerem e não pagarem...

Lucas—Quem, os creados? E' o que faltava!

Jerónimo—Não, os hospedes.

Lucas—Isso é que cá se não usa.

Jerónimo—Na cidade?

Lucas—Não; na casa.

Jerónimo—Pois lá para os nossos sitios ainda se guardam outros usos: os hospedes pagam.

Lucas—Em casa de fidalgo?

Jerónimo—Não, nas estalagens. Tambem por lá as temos com creados zeladores do seu officio, como os de cá; mas em casa de fidalgo, a hospede pesado, mau bocado, e a môço mandão, pau e pão.

Lucas—Quer você dizer...

Jerónimo—Que descontamos pelas costas o que mettemos de mais p'ra a barriga.

Lucas—Acho-lhe graça, sê Jerónimo! Pois não coma, não; deixe a marmelada. Eu, como você falava n'ella...

Jerónimo—Era p'ramor d'umas formigas que lá me assaltaram fóra, e que, ás vezes, pelo cheiro d'ella, aqui poderiam vir e... me levassem o chapéu.

Lucas—As formigas podem lá com elle?! Ri.

Jerónimo—Ora se podem! Eram até capazes de me levarem a mim! Já ouvi dizer que houvera um homem de grande cabeça, que, depois de bem lançadas contas, adivinhara quantas poderiam arrastar um sino. E já se viu tambem um bom numero d'ellas arrastarem um morteiro do seu logar. Apontando para o chapéu. Ora aquillo...

Lucas, rindo.—Se não é sino, é morteiro.

Jerónimo—Ora eis-ahi!

Lucas, á parte.—Isto é um grande ratão! Alto—Não sabe quanto gosto de o ouvir, sê Jerónimo! Você tem coisa com as formigas; e eu, se não andasse sempre n'um formigueiro, estava aqui todo regalado a ouvir-o.

Estalajadeiro, dentro.—O' Lucas?

Lucas—Prompto! Para Jerónimo.—Vê? Lá está o patrão a chamar. Não me deixam parar! Até logo. Vae a sahir.

Jerónimo, detendo-o.—Mas, é verdade... tu ainda me não disseste...

Lucas—Da carta? Se você estava com a marmelada a tombo...

Jerónimo—Alto lá, que eu ainda lhe não toquei!

Lucas—Bem vejo. A carta... já foi.

Jerónimo—Entregariam-na?

Lucas—Pois não haviam de entregar! Quem a levou nunca desencaminhou nenhuma.

Jerónimo—Melhor, melhor. Escusava eu de ir por ahí abaixo, sem saber...

Lucas, rindo.—E depois saltarem-lhe as formigas... Foi melhor assim, foi. Olhe; dos formigões o livre eu. Sae.

SCENA IX

JERÓNIMO, só.

Jerónimo—Dos formigões?! Que diabo quer elle dizer na sua? Será acaso que... Ora! Pois, se me livrou, estou bem livrado, que na rua é que ninguem me torna a apanhar de fardamento. Isso é que não! Como aqui ha quem faça os recados, e os amos me não querem atraz de si, agora não torno mais a atravessar a cidade senão de macho, quando fôrmos p'ra terra. Que venham cá então embarrar-me os taes estudantinhos, e verão como o Cascudo lhes agradece de garupa! E, se me apertarem muito, espôras n'elle, e os atos que cá se avenham com os da liteira e com os taes caçoantes. O senhor Gastão é que tem a culpa, já que não quer fardas nem arreios á moderna. Diz que assim é mais fidalgo... Eu tambem digo; mas isso é bom lá p'ra Basto, não é p'raqui, que já isto por cá está muito mudado, des que por ahí entraram a apparecer os trimbolins do Porto, serges e traquitainas á moderna, com seus boleceiros á ingleza. Modas, modas! Eu tambem não gosto nada d'ellas, não; que se gasta muito mais, e anda a gente sempre feita bonetro. Mas tambem é o diabo ver-se um homem corrido que nem um Entrudo velho, no meio de uma cidade como esta! Tomara-me eu já em Basto, e que o fidalgo dê ordem para o liteireiro metter os machos aos varaes! Mas a fidalguinha é capaz de lhe pedir mais demora... Se se apanha com o primo á beira... E então elle ha de pedir tambem ao tio que esteja mais alguns dias... Ora se pede! Se todo elle se esmorece pela prima... morrem de amores um pelo outro... Mas, cala-te bocca, e deixa-me retirar, antes que elle por ahí venha, que senão a surpresa não tem tanta graça. Eu virei a seu tempo. E, se heide estar aqui sem fazer nada, vou dormir... (Continúa)